

## **ANÁLISES COMPARATIVAS: USO E FUNCIONAMENTO DE BIBLIOTECAS ESCOLARES EM LYON (FRANÇA) E EM UBERLÂNDIA (MINAS GERAIS - BRASIL<sup>1</sup>)**

Dinamar Barbosa Martins Neto<sup>2</sup>  
Adriana Pastorello Buim Arena<sup>3</sup>

**RESUMO:** Este artigo apresentará um recorte de um estudo comparativo realizado sobre bibliotecas escolares entre Uberlândia (Minas Gerais – Brasil) e Lyon (França). Foram aplicados questionários em 2012 a estudantes (6-10 anos) e professores. Os dados demonstram que as bibliotecas escolares não facilitam aos estudantes uberlandenses e lyoneses a inserção no mundo da cultura escrita, por causa de seu modo de funcionamento.

**Palavras-chave:** Análise comparativa. Bibliotecas escolares. Uso e funcionamento.

### **ANALYSES COMPARATIVES DES BIBLIOTHEQUES SCOLAIRES A LYON (FRANCE) ET A UBERLANDIA (MINAS GERAIS – BRASIL)**

**RÉSUMÉ:** Etude comparative sur les bibliothèques scolaires entre Uberlândia (Brésil) et Lyon (France), grâce à des questionnaires appliqués en 2012 à des étudiants (6-10 ans) et des enseignants, montre que les bibliothèques scolaires ne facilitent pas aux enfants uberlandenses et lyonnais l'insertion dans le monde de la culture écrite, à cause de leur son mode de fonctionnement.

**Mots-clé :** Analyse comparative. Bibliothèques scolaires. Utilisation et fonctionnement.

---

<sup>1</sup> Esta pesquisa obteve auxílio financeiro do CNPq/Edital Ciências Humanas e bolsa pelo Programa Institucional de Bolsa de Iniciação Científica - UFU/CNPq

<sup>2</sup> Graduanda do curso de Pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Uberlândia. Endereço: Rua da criança, n. 422. Bairro Laranjeiras. Uberlândia. CPF: 01487267630. E-mail: dinamarneto@yahoo.com.br

<sup>3</sup> Doutora em Educação. Professora da Faculdade de Educação e do Programa de Pós-graduação da Universidade Federal de Uberlândia. Endereço: Rua Alexandrino Santos Lima, n.67 apto 204. Uberlândia. Cep - 38408082. E-mail: dricapastorello@gmail.com

## INTRODUÇÃO

Desde que o homem começou a registrar sua história em suportes móveis como as tábuas de argila, os rolos de pergaminho ou os de papiro e mesmo os códices ele precisou pensar uma forma de gerir seu armazenamento. Guardar o material escrito para posterior uso dele implicava outra preocupação, a de encontrar o texto específico e desejado em meio a tantos outros. Uma atividade humana gerou necessidade de outra numa cadeia ininterrupta de criações. Depois de ser inventada a escrita, foi preciso também criar o espaço para armazená-la e, mais que isso, inventar uma técnica que facilitasse a busca de dados em um grande acervo, quando necessário. Criaram-se fichas e arquivos, ordens específicas de recuperação e busca da informação. A segurança estava garantida. Durante séculos alunos, professores e pesquisadores passavam tardes inteiras em bibliotecas públicas ou mesmo particulares lendo e registrando conteúdos das mais diversas áreas de interesse. Havia também a possibilidade de emprestar um bom livro de literatura e, em casa, lê-lo deitado ou esparramado em uma poltrona muito mais confortável que as cadeiras oferecidas pelas bibliotecas. Já os alunos, com maiores dificuldades financeiras, tinham medo de levar os livros para casa e borrá-los com o óleo de cozinha, pois a única mesa existente servia para todas as funções, as domésticas e as escolares. A reposição de um exemplar estragado, manchado ou rasgado, não era algo muito fácil há 30 anos.

A máquina fotocopadora surgiu abrindo um espaço novo; com ela era possível levar o texto para casa e tratá-lo como um segundo exemplar não tão valioso como o primeiro, o original. Era possível marcar, rabiscar, deixar por escrito lembretes e até mesmo borrar de manteiga e café. O espaço mudou, a biblioteca passou a ser o local onde se encontravam o tema desejado e o ambiente de leitura, e o local de estudo se tornou, prioritariamente, a casa do estudante ou o escritório do professor.

As bibliotecas escolares também sofreram transformações. As primeiras estantes repletas de livros, que poucas salas de aula receberam, eram controladas pelo professor. (HEBRAD, 2009). O acesso ao livro pela biblioteca escolar foi ampliado quando da organização de salas específicas que abrigavam os materiais de leitura e de pesquisa e ofereciam horários de acesso a todos.

Os espaços destinados ao armazenamento foram se tornando cada vez maiores e insuficientes. Paralelamente, o homem passou a usar suportes digitais para registrar a

sua história. As mídias digitais entraram rapidamente no espaço público e na vida privada. Grandes postos de trabalhos informatizados foram montados em empresas, bancos e comércios. As escolas também criaram uma sala especificamente para acolher os computadores. Desde o princípio da chegada das máquinas nas escolas, elas foram colocadas fora da biblioteca, historicamente o local destinado à pesquisa e ao armazenamento de dados. A biblioteca foi subjulgada, pouco utilizada, tratada como inferior e ultrapassada; o *status* conquistado desde os primórdios da escrita fora abalado.

Faz-se necessário ressaltar que este artigo analisa um recorte de um banco de dados coletados durante o ano de 2012 e que vem sendo cuidadosamente tratados e analisados por pesquisadores de duas instituições brasileiras e uma estrangeira. A partir de contatos estabelecidos entre professores durante um evento ocorrido em 2007, foi idealizado um projeto compartilhado e comparativo intitulado *Bibliotecas escolares e laboratórios de informática no meio escolar – Brasil e França*. Entrevistas com alunos e professores foram realizadas em três diferentes cidades: Marília - interior de São Paulo, Brasil – Uberlândia – interior de Minas Gerais, Brasil e Lyon – região do Ródano-Alpes, França.

O objetivo maior do projeto era investigar, por amostragem, pontos de convergências e de divergências no modo como dois diferentes estados do Brasil e uma cidade de grande porte da França lidam com a gestão de dois ambientes no interior das escolas: a biblioteca e o laboratório de informática. Entretanto, para este artigo serão utilizados apenas os dados coletados em Uberlândia e em Lyon sobre o uso de bibliotecas escolares.

A situação brasileira não é nada generosa no que se refere aos espaços destinados às bibliotecas escolares. Algumas escolas possuem um bom espaço, outras um espaço adequado, mas há uma maioria que tem apenas um depósito para livros ao qual nomeiam *biblioteca*. Segundo Silva (2013, p. 364),

A Lei nº 12.244/2010 estabelece que a universalização da biblioteca escolar deva ocorrer em todo o país até 2020, hoje, dois anos após a implantação dessa Lei ainda não há respostas efetivas dos governantes a esse respeito, ou seja, como munir todas as escolas do país com bibliotecas em menos de uma década, pois permanece, basicamente, a política governamental de envio de livros à escola, entretanto, uma biblioteca não se constitui apenas de livros.

O fator determinante para a concretização do projeto de construção de bibliotecas para todas as escolas do Brasil é a verba destinada para este setor da economia do país. Além do interesse em conhecer o funcionamento das bibliotecas escolares francesas também existe o de saber se um país com maior grau de desenvolvimento econômico e também cultural tem este problema resolvido ou não.

Para refletir sobre a questão problema posta, serão analisados dados referentes ao uso das bibliotecas francesas e brasileiras sob quatro perspectivas: frequência dos alunos neste espaço; tipo de acervo disponibilizado; atividades desenvolvidas, presença de computadores e, por fim, a organização da biblioteca escolar na perspectiva das crianças.

Espera-se ao final da leitura deste texto ter oferecido à comunidade acadêmica, aos professores da educação básica e aos licenciandos em Pedagogia dados que não têm a intenção de relatar o perfil das bibliotecas brasileiras e o das francesas, mas *um perfil* possível traçado a partir das vozes de alguns alunos que podem ser eco de outras vozes até hoje ainda não ouvidas.

## **METODOLOGIA**

É importante dar voz às crianças e ouvir o que elas têm a nos dizer, e mergulhar no cotidiano em que estão inseridas, é a única forma de tentar construir uma nova maneira de ver a realidade, aquela que pode favorecer o despertar de uma nova consciência, que tenha a única pretensão de mostrar mais um ponto de vista entre tantos para permitir que a ciência dê um passo à frente. Segundo Gruae e Walsh (2003, p. 10),

Descobrir é trabalhoso e dispendioso. Requer muito trabalho de campo, olhos e ouvidos bem abertos, apreender, assimilar, esquadrihar, uma e outra e outra vez. São necessárias horas e horas para organizar um registro de dados a partir dos dados recolhidos em bruto no campo de investigação. Descobrir desafia o investigador na sua análise, que visa explorar criticamente não só aquela parte do mundo a ser estruturada, mas o próprio processo de investigação em si mesmo [...] todo esse trabalho gera um conhecimento que é incerto e mutável, mas gera algum conhecimento [...] a construção do conhecimento é fruto do esforço humano. Nunca será uma certeza.

Com esta perspectiva de pesquisa que nos apresentam Gruae e Walsh (2013), esta investigação foi realizada. Logo após a etapa de definição do objeto de pesquisa e

de conclusão da redação do projeto, ele foi enviado para apreciação ao Comitê de Ética da UNESP – Campus de Marília – um dos polos da pesquisa. Após seu deferimento, entrou-se em contato com a direção das escolas para solicitar permissão para a realização de entrevistas com discentes e docentes da instituição.

Toda a coleta foi realizada durante o primeiro semestre de 2012 com a participação de três diferentes grupos de pesquisa envolvidos nesta investigação: *Implicações da perspectiva histórico-cultural para o ensino da leitura e da escrita* da Universidade Federal de Uberlândia; *Processos de leitura e de escrita: apropriação e objetivação* da Unesp/Campus Marília e professores vinculados ao *Instituto Francês de Educação* de Lyon.

As entrevistas foram realizadas individualmente retirando um aluno por vez da sala de aula. A conversa foi tranquila e as respostas anotadas com a anuência da criança e dos pais, pelo termo de livre consentimento esclarecido. Cada grupo de pesquisa fez coletivamente a tabulação das respostas obtidas e agruparam-nas em gráficos e tabelas, para que posteriormente fosse possível confrontar os dados das três diferentes regiões. No espaço reservado para este artigo, serão analisados apenas nove gráficos relativos aos dados coletados a partir das entrevistas com os alunos.

Ao longo do texto, os gráficos serão apresentados em pares denominados por letras e números como, por exemplo: A1 - A2 - exceto o primeiro. Cada par se constituirá de duas realidades, a do município de Uberlândia e a do município de Lyon. Esta escolha se deu deste modo para facilitar a visualização e comparação dos dados. Em seguida, os gráficos serão comentados e analisados na perspectiva da metodologia qualitativa. Para respeitar o anonimato previsto pelo termo de consentimento livre e esclarecido os alunos serão identificados apenas com as iniciais de seus nomes quando citados, assim como as escolas e as classes serão determinadas por números.

Como já explicitado acima, os dados foram coletados em Uberlândia e em Lyon. Entretanto, na primeira cidade, foram entrevistados 45 alunos, sendo 15 por escola e três por série respectivamente do 1º, 2º, 3º, 4º e 5º anos do Ensino Fundamental.

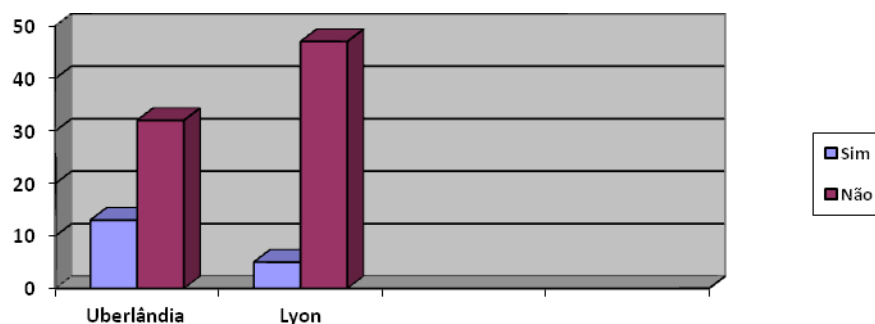
Já em Lyon a coleta ocorreu diferentemente, apenas com três classes da Educação Básica, sendo respectivamente o número de alunos 16, 19 e 17 perfazendo também um total de 52 alunos. É importante ressaltar que o universo de dados tabulados em Lyon é menos abrangente em relação aos da cidade de Uberlândia, porque os 52 alunos franceses representam uma mesma escola.

## RESULTADOS E DISCUSSÕES

Serão discutidos durante a exposição três grandes paradoxos em relação ao que se almeja na educação universal e em relação ao que acontece de fato no uso e funcionamento da biblioteca escolar. Para que se iniciasse qualquer discussão sobre o tema em questão foi preciso escolher aquelas que mantinham este espaço em atividade. Por este motivo, todos os alunos entrevistados conheciam a localização da biblioteca no interior da instituição, pois os professores rotineiramente os levavam para lá.

A análise se inicia ressaltando o primeiro paradoxo: a biblioteca era um espaço usado dentre os espaços escolares, tanto em Uberlândia como em Lyon, pois os docentes levavam as crianças uma vez por semana ou a cada quinze dias à biblioteca. Entretanto, os alunos responderam, em sua maioria, que não podiam frequentá-la sem a presença de um adulto. A partir deste momento, o termo *professora* será utilizado para referir-se à docente titular responsável pela classe e a expressão *professora que atua na biblioteca escolar* para aquela designada ao trabalho da biblioteca.

**GRÁFICO 1 – Possibilidade de frequentar a biblioteca sem a presença do professor.**



Fonte: a autora.

O caso uberlandense tem sua particularidade. Treze dos 15 alunos da Escola 1 responderam que podiam frequentar livremente a biblioteca escolar; apenas dois alunos disseram que não. Quanto às Escolas 2 e 3 a totalidade dos alunos entrevistados afirmaram não poder frequentá-la sem a presença do professor. Isso ocorre porque os diretores de escola em Uberlândia têm liberdade para organizar o espaço como melhor convier para sua realidade. Na grande maioria das bibliotecas municipais há uma professora responsável pelo funcionamento deste espaço, que normalmente é chamada

de *professora que atua na biblioteca escolar*. A função é definida desta maneira, pois estes profissionais não possuem formação em Biblioteconomia.

O caso francês é diferente. Nesta escola especificamente não existe uma pessoa responsável pela biblioteca, porque é a própria professora titular da classe que gerencia as atividades que acontecem neste espaço. Dada esta explicação, pode-se entender porque os alunos franceses em sua maioria disseram não poder frequentar a biblioteca sem a presença da docente, pois não há ninguém que os receba neste espaço. Já em Uberlândia frequentar ou não a biblioteca em horários além daqueles determinados pela professora é uma escolha da gestão escolar.

É um paradoxo insistir com as crianças para se tornarem leitores apresentando belos discursos sobre a importância do ato de ler, mas ao mesmo tempo privá-los do livre acesso aos livros. Quando a classe toda vai a biblioteca ao mesmo tempo é muito difícil, para o profissional que a acompanha, auxiliar cada aluno na busca do que ele deseja.

Por outro lado, o leitor principiante quase nunca deseja algo específico com título, data e autor já escolhidos previamente. As crianças precisam namorar o acervo, ter tempo para folhear um livro e outro e ao final fazer uma escolha. As palavras de Goulemot (2001, p. 221) nos fazem pensar sobre este espaço que oferece um tempo muito diferente daquele que o espaço cibernético nos oferece:

Eu chocaria sem dúvida muitos de meus amigos mais jovens explicando-lhes que gosto de ler na biblioteca, e mesmo consultar aí um catálogo vagando “preguiçosamente” entre os nomes de autores e os títulos das obras. Creio incompatível com a leitura assim definida a reivindicação do mais prático, do diretamente útil. Devo a esses passeios entre palavras, edições e os autores menores descobertas apaixonantes. A biblioteca para mim é o lugar por excelência do passeio sem destino e da caça proibida.

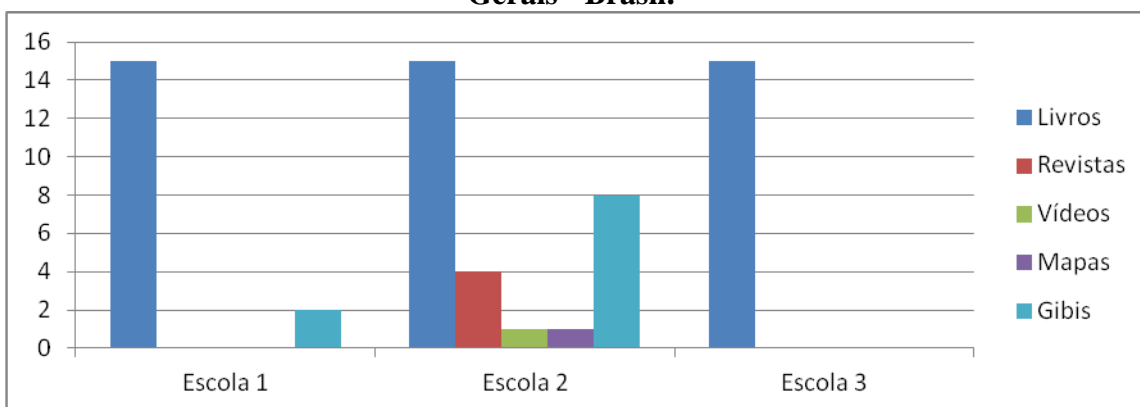
Ao folhear um livro o aluno poderá encontrar uma palavra que lhe ative a curiosidade, uma palavra que lhe faça referência ao seu percurso subjetivo e individual. O mesmo pode ser dito em relação à ilustração da capa ou do interior do livro; somente o livre acesso pode favorecer este tipo de busca.

Não se discute a importância e a credibilidade que a biblioteca escolar tem na concepção de pais e professores, a sociedade não nega sua importância e a reconhece

em sua historicidade como o lugar de grande respeito e de formação de mentes inteligentes, mas seu uso como recurso de aprendizagem contemplado na grade horária curricular ainda é considerado como uma “perda de tempo”.

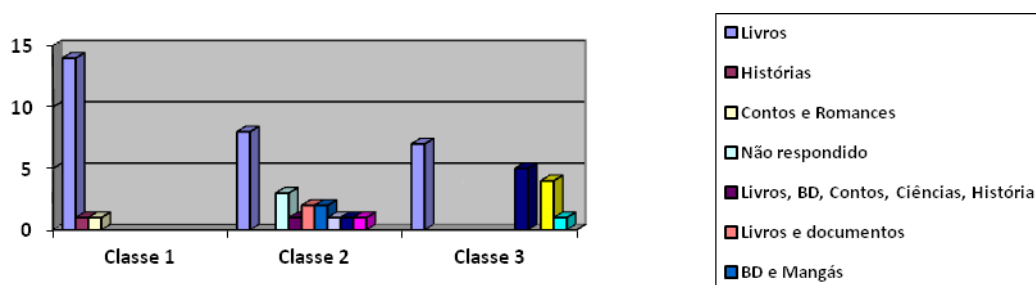
Este conceito está vinculado ao trabalho realizado com as mãos como preencher folhas escritas e completar todas as linhas de um caderno. Muitos alunos que não realizam sua tarefa escolar - normalmente a de escrever ou copiar algo - seja a de casa ou a da sala de aula não podem frequentar a biblioteca. Outros vão à biblioteca como castigo justamente por não terem feito a tarefa escolar; lá ocupam as mesas da biblioteca, mas não seus livros. Vagar “preguiçosamente” entre os nomes de autores e os títulos das obras ainda é uma realidade distante para os sujeitos dessa pesquisa.

**GRÁFICO 2.A – Materiais emprestados pela biblioteca – Uberlândia – Minas Gerais - Brasil.**



Fonte: a autora.

**GRÁFICO 2.B – Materiais emprestados pela biblioteca – Lyon França.**



Fonte: a autora.



A biblioteca historicamente é o local onde se pode armazenar todo tipo de conhecimento conquistado pela humanidade e registrado pelos homens de diferentes maneiras, como as antigas tábuas de argila ou os bancos de dados *on-line*.

Pode-se perceber pela leitura dos gráficos comparativos que as possibilidades de escolha de materiais nos acervos das bibliotecas escolares são limitadas. Prioritariamente, alunos lioneses e uberlandenses retiram livros de literatura infantil em detrimento de outros materiais. Livro para os sujeitos é sinônimo de livro de literatura.

Literatura é Arte e, portanto, indiscutivelmente necessária à formação do homem. Segundo Candido (2013, p. 89) “o leitor, nivelado ao personagem pela comunidade do meio expressivo, se sente participante de uma humanidade que é a sua, e deste modo, pronto para incorporar à sua experiência humana mais profunda o que o escritor lhe oferece como visão da realidade”. A leitura literária lapida a alma, cria e recria a subjetividade individual e coletiva.

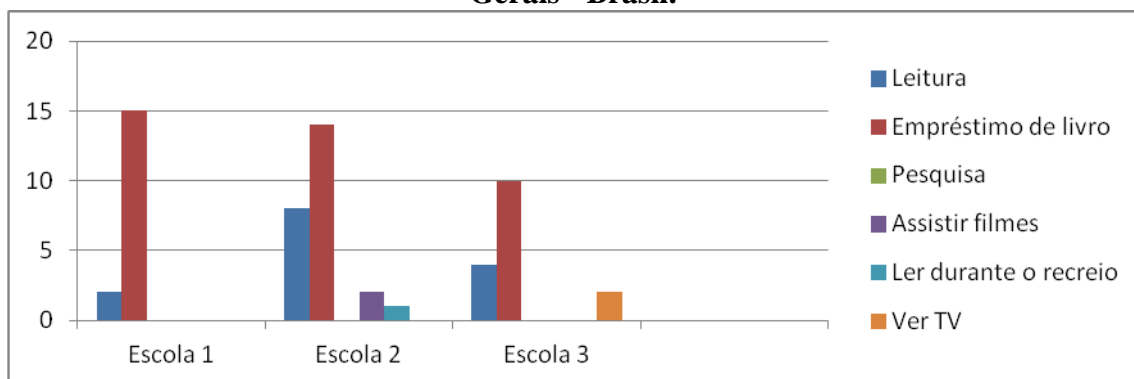
Apesar da importância da literatura, a biblioteca também foi e continua sendo tradicionalmente um local de pesquisa, que apresenta diversos tipos de obras, suportes e temas a serem investigados como Matemática, História, Geografia, Filosofia, Física, Química, Biologia e outros materiais que facilitam o acesso a uma rápida informação como as enciclopédias digitais, os dicionários especializados, os mapas entre tantos outros. Este tipo de acervo está subutilizado nas escolas públicas investigadas, ainda que exista em pequena proporção precisa ser ampliado e atualizado.

Os alunos lioneses, embora pareçam expressar em suas respostas o uso de uma diversidade maior de materiais em relação aos alunos uberlandenses, também retiram da biblioteca prioritariamente livros de literatura. Os termos “documentos, ciências e história” apontados uma única vez demonstram o baixo uso de obras cuja temática são específicas. A predominância pela utilização de livros de literatura é superior e quase única. É possível observar que se optou por registrar exatamente os termos empregados pelos alunos durante a tabulação de dados para ser bastante fiel à voz das crianças, entretanto, termos como “histórias, contos e romances, romances, somente livros, livros e DVD, e livros e CD” poderiam se somar ao item *livros*. A biblioteca, para estes estudantes em questão, é um lugar de armazenamento de livros de literatura.

O segundo paradoxo se apresenta: a biblioteca é um lugar de pesquisa, mas predominantemente oferece aos seus leitores mirins livros de literatura. O aluno terá que aprender por si só como encontrar temas das mais diversas áreas do saber no mundo que

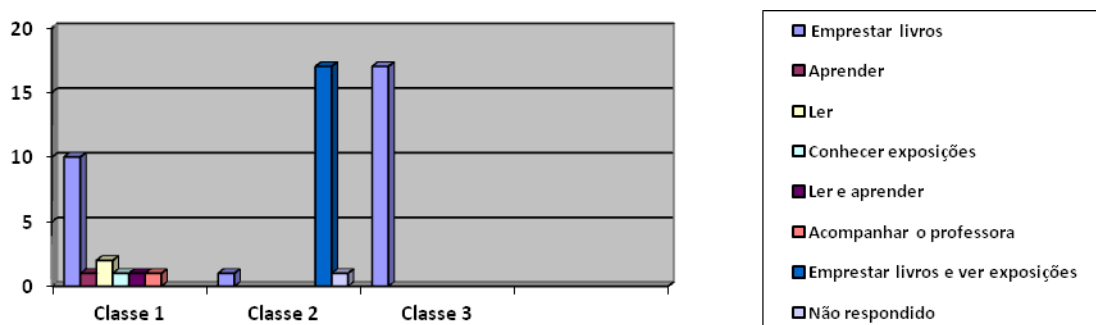
Ihe cerca ao observar aqueles que fazem o uso de ferramentas específicas de busca. Ler um livro de literatura é bem diferente de usar uma enciclopédia digital *on-line*.

**GRÁFICO 3.A – Atividade mais desenvolvida na biblioteca – Uberlândia – Minas Gerais - Brasil.**



Fonte: a autora.

**GRÁFICO 3.B – Atividade mais desenvolvida na biblioteca – Lyon - França.**

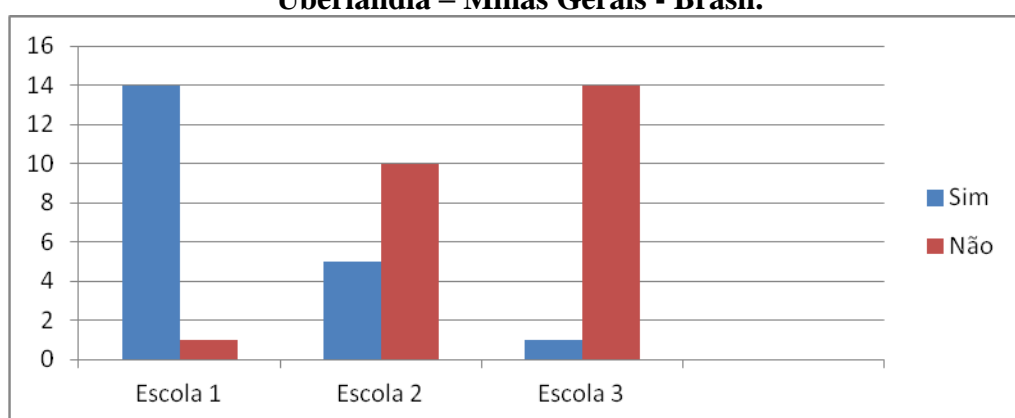


Fonte: a autora.

Os gráficos 3.A e 3.B reafirmam a veracidade do paradoxo acima desvelado ao mostrar que a atividade mais desenvolvida na biblioteca é a de empréstimos livros. Em relação às respostas dos alunos uberlandenses de “ver televisão” ou “assistir filmes” deve-se juntar a este dado os registros de observações realizadas durante o período de coleta para compreendê-los melhor. Todas as vezes que os alunos foram à biblioteca para assistir filmes ou ver televisão, o motivo era a chuva que os impedia de brincar no parque durante o período de recreio, ou então, porque a professora precisava trabalhar em outra atividade como registrar conteúdos e faltas no diário. Os aparelhos de televisão das três escolas de Uberlândia ficavam na biblioteca, mas isso não significava que

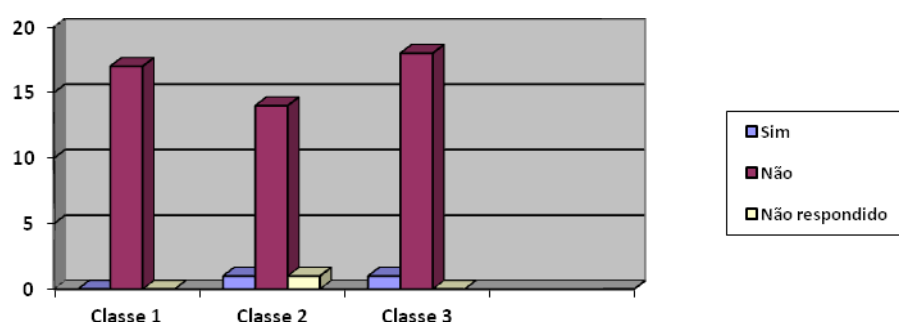
estavam a serviço do conhecimento ou da pesquisa como apresentar documentários ou filmes históricos que colaborassem com a formação cultural do aluno. As ferramentas tecnológicas desenvolvidas pelo homem servem ao seu próprio criador. Trechos de inúmeros filmes históricos poderiam mostrar aos alunos posições geográficas, modos e costumes de viver em outros locais do mundo. Uma cinemateca teria um grande valor pedagógico para o professor em seu trabalho de levar o aluno a compreender eventos de natureza histórica, biológica, química e tantos outros.

**GRÁFICO 4.A – Presença de computadores na biblioteca para uso dos alunos – Uberlândia – Minas Gerais - Brasil.**



Fonte: a autora.

**GRÁFICO 4.B – Presença de computadores na biblioteca para uso dos alunos – Lyon França.**



Fonte: a autora.

Há um descompasso entre a resposta da Escola 1 da cidade de Uberlândia e as outras respostas. O caso pode ser entendido pela mesma explicação dada anteriormente: os diretores de escola podem organizá-las como desejar. Mas, o dado que salta aos

olhos e interessa a toda comunidade escolar é a falta de computadores nas bibliotecas escolares para uso dos alunos.

No contexto das escolas brasileiras estudadas, todas tinham uma sala específica para o funcionamento da biblioteca e outra para abrigar um laboratório de informática. Entretanto, a sala reservada ao uso do computador é muito bem equipada, possui ar condicionado, bom mobiliário, boa iluminação, bons computadores com acesso a internet e um técnico especializado em informática para ajudar o professor naquilo que ele deseja trabalhar com os alunos. No caso francês não existe a presença deste profissional; o professor deve sozinho gerenciar estas atividades. Percebe-se uma valorização maior dada à infraestrutura do laboratório de informática em detrimento da biblioteca.

Embora um lugar esteja mais bem equipado que o outro, não se pode dizer que as mídias digitais são usadas verdadeiramente a serviço do saber e da criação. Diante das observações realizadas os computadores eram utilizados predominantemente com *softwares* educacionais que reproduziam os mesmos tipos de atividades apresentadas pelo livro didático. A atividade essencial do computador – o acesso à internet – não está fortemente presente nas atividades cotidianas das classes de educação básica. O uso do computador sem o acesso a *WWW* é incompleto e se assemelha ao uso de uma máquina de escrever do século XX, melhorada e aperfeiçoada. Sua verdadeira potencialidade está na possibilidade de acessar infinitos nós criados por diversos internautas. Os professores esperam que os alunos tenham domínio da leitura e da escrita para permitir que usem esse recurso. Segundo Carrière (ECO; CARRIÈRE, 2010, p. 20),

[...] nunca tivemos tanta necessidade de ler e escrever quanto em nossos dias. Não podemos utilizar um computador se não soubermos escrever e ler. E, inclusive, de uma maneira mais complexa do que antigamente, pois integramos novos signos, novas chaves. Nosso alfabeto expandiu-se. É cada vez mais difícil aprender a ler. Empreenderíamos um retorno à oralidade se nossos computadores fossem capazes de transcrever diretamente o que dizemos. Mas isso é outra questão: podemos nos exprimir com clareza sem saber ler nem escrever?

As novas máquinas proporcionam recursos de leitura não imagináveis há 30 anos. Crianças pequenas conseguem derrubar a casa de madeira dos *Três Porquinhos* apenas com um sopro fraco que toca a tela do tablete de sua professora. Muitas chegam

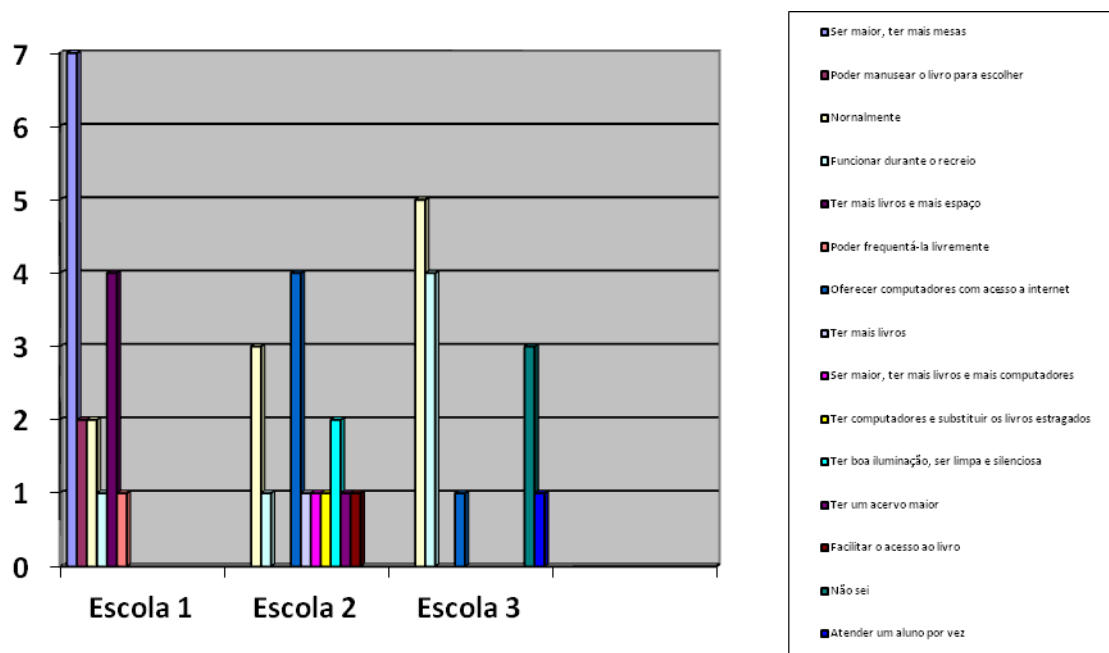
às escolas com alguns conhecimentos prévios sobre usos e possibilidades das tecnologias que por vezes superam os de seus professores. Freitas (2006, p. 16) afirma que

diante do novo que nos circunda e se projeta num futuro cada vez mais próximo, precisamos adotar uma perspectiva mais aberta e positiva. Não se trata de uma postura ingênua e acrítica de passivos consumidores, mas frente aos atuais computadores, processadores de textos e canais eletrônicos de comunicação, como a internet, precisamos nos colocar numa atitude de busca de conhecimento que leva à compreensão de suas possibilidades (...) é necessário que nos coloquemos abertos a possíveis metamorfoses sob o efeito do novo objeto.

O terceiro paradoxo está posto: os computadores estão nas escolas investigadas em diferentes proporções, todas reconhecem sua importância em relação à pesquisa, mas os alunos, apesar de terem acesso à máquina, não são ensinados a usá-la a serviço da pesquisa e da criação.

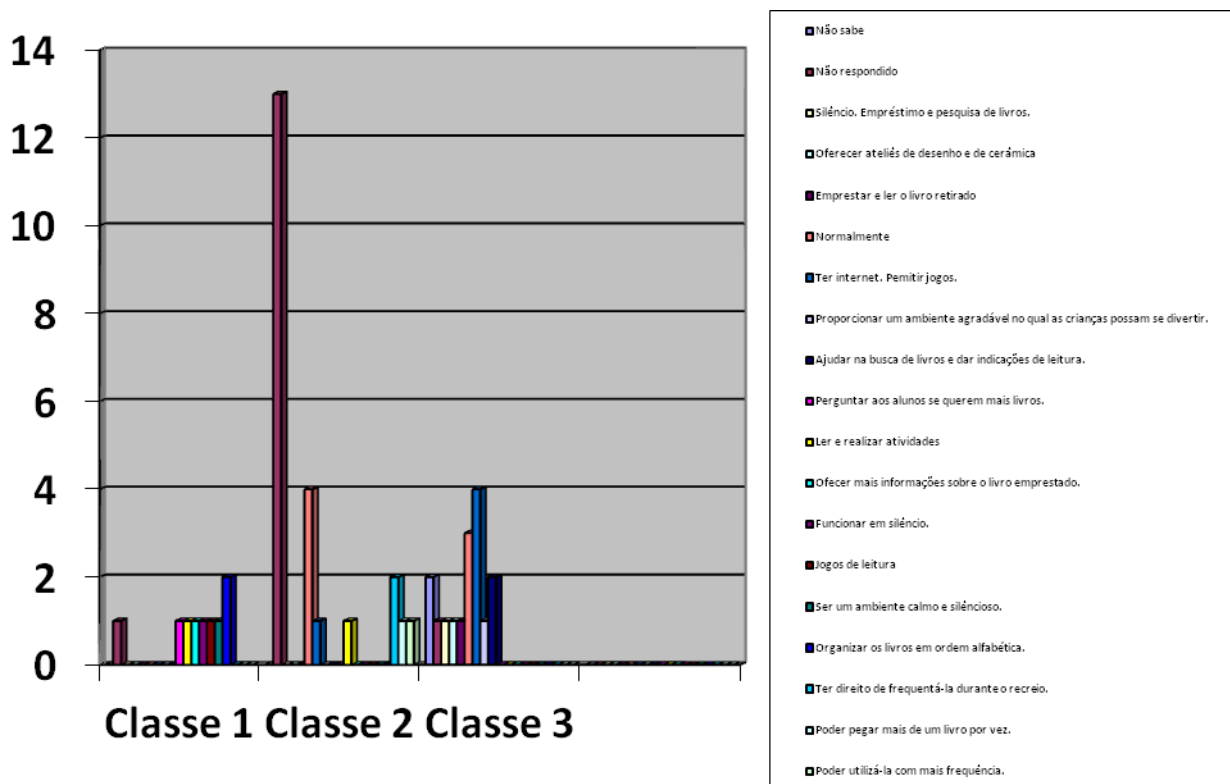
Esta investigação também se preocupou em saber o que pensam os alunos sobre o funcionamento do laboratório de informática, mas como já dito anteriormente, devido ao espaço reservado a este artigo, aqui serão apresentados apenas os dados relativos ao uso da biblioteca.

#### **GRÁFICO 5.A – Como deveria ser o funcionamento da biblioteca – Uberlândia - Brasil.**



Fonte: A autora.

**GRÁFICO 5.B – Como deveria ser o funcionamento da biblioteca – Lyon - França.**



Fonte: A autora.

Basta dar voz as crianças para se perceber que elas são capazes de entender a realidade que as cercam. Crianças lioneses e mineiras, ambas, demonstram em seus relatos que a biblioteca é um espaço pouco dinâmico e atualizado. Os alunos apontam inúmeros problemas desde aqueles referentes à estrutura física até aqueles de ordem mais sofisticada como a organização do acervo. Os itens “facilitar o acesso ao livro” e “organizar os livros em ordem alfabética” desvelam a dificuldade que os alunos têm em encontrar uma obra pelo título ou pelo nome do autor. Em entrevista com uma aluna uberlandense sobre o que deveria melhorar na biblioteca, ela diz: “*Fala-se o nome do livro e ele aparecia, o livro*”. (Aluna JR - 5º ano escola 2 – UDI). Ela revela ter tanta dificuldade de encontrar o material desejado que recorre ao mundo da ficção para resolver seu problema: o livro deveria chegar em suas mãos por magia.

Se a escola deseja que os alunos leiam, frequentem a biblioteca é preciso ensinar aos alunos a forma como os livros foram classificados e armazenados. Levanto a hipótese de que este problema é recorrente, porque os profissionais que trabalham nas escolas investigadas não são bibliotecários e, portanto, não receberam formação para lidar com acervos.

Além deste problema apresentado, outro ainda maior se coloca, os alunos pedem para frequentar livremente o espaço da biblioteca inclusive durante o recreio, que supostamente seria o único momento livre que poderiam ficar à vontade, pois não haveria ações dirigidas por parte dos professores.

Os estudantes de uma forma escamoteada pedem para ler quando verbalizam o desejo de frequentar a biblioteca durante o intervalo. Não se pode circular *preguiçosamente* por este espaço! A biblioteca escolar tornou-se um lugar para busca de livros já previamente recomendados pela professora, ou até mesmo um lugar em que se pode encontrar uma mesa livre para fazer um trabalho em grupo. O tempo para retirada do livro é curto. Flertar com o acervo não é uma experiência de muitos alunos; alguns se enamoram, poucos se casam.

A literatura é um campo fértil para o desenvolvimento da subjetividade, auxilia o processo de humanização da criança, pois

liberdade, espontaneidade, afetividade e fantasia são elementos que fundam a infância. Tais substâncias são também pertinentes à construção literária. Daí, a literatura ser próxima da criança. Possibilitar aos mais jovens acesso ao texto literário é garantir a presença de tais elementos – que inauguram a vida – como essenciais

para o crescimento. Nesse sentido é indispensável a presença da literatura em todos os espaços por onde circula a infância. Todas as atividades que têm a literatura como objetivo central serão promovidas para fazer do país uma sociedade leitora. O apoio de todos que assim compreendem a função literária, a proposição é indispensável. Se é um projeto literário é também uma ação política por sonhar um país mais digno. (QUEIRÓS, 2012, p.88).

Os alunos pedem também computadores com acesso à internet nas bibliotecas e com isso nos falam da importância desta máquina para a pesquisa. Entretanto, não basta

colocar o cidadão em contato com a tecnologia com a intenção de fazer “inclusão digital”. É preciso tornar o cidadão capaz de fazer um uso correto e seletivo destas tecnologias a seu favor. Isto demanda muito mais que uma simples conexão à Internet. São diversas ações, que em conjunto podem trazer algum resultado no processo de Inclusão Digital. (marcas do autor). (BARROS, 2007, p. 86-87).

Muitos outros pontos são abordados e revelados pelos alunos que indicam a clareza que têm sobre o conceito de biblioteca escolar, como por exemplo: ampliar o acervo, substituir livros estragados, ampliar o mobiliário, permitir seu uso sem a presença do professor, ter alguém que indique um bom livro, que fale sobre ele para gerar interesse em retirá-lo; promover ateliês e jogos de leitura. Eles esperam um lugar mais dinâmico, amplo e atualizado que promova trocas culturais entre eles.

## **Conclusões**

Diante dos relatos das crianças chega-se à conclusão de que a biblioteca é um espaço que elas gostariam de frequentar com maior assiduidade, mas também apontam para as melhorias que precisariam ser implementadas. Elas sabem o que querem especificamente em uma biblioteca escolar. Dar voz as crianças significa entender sua forma de ver o mundo e suas necessidades e quiçá avançar o conhecimento sobre o ato de ensinar e de aprender.

Uma das grandes metas da educação, tornar o aluno um leitor crítico e seletivo, está sendo bloqueada por inúmeras razões sociais, políticas e econômicas. Esta investigação acrescenta um item a mais nesta lista, a questão pedagógica, pois a forma como as bibliotecas têm sido gerenciadas e utilizadas nas escolas não tem facilitado o acesso das crianças aos livros.



Contudo é possível abrir um espaço para pensar e discutir caminhos e possibilidades em busca de novas pistas que indiquem uma maneira de gerir este espaço e de satisfazer as necessidades apontadas pelos alunos. Tecnicamente e pedagogicamente, o uso das mídias digitais pode estar a serviço da pesquisa que atualmente tem sido realizada por inúmeros pesquisadores tanto pelo acesso ao material impresso como pelo acesso aos bancos de dados digitais. Esse novo comportamento indica que a integração dos ambientes escolares - biblioteca e laboratório de informática -, hoje separados, seria uma forma de tornar eficaz a utilização do espaço para a pesquisa dedicado ao aluno no interior da escola. Ao falar de reorganização de infraestrutura necessariamente coloca-se outra questão, a econômica.

Entretanto, como foi apresentado no início deste artigo, o governo brasileiro tem a proposta de equipar todas as escolas até 2020 com bibliotecas escolares. A meta proposta ainda não foi atingida, portanto, há espaço para reivindicações e reflexões a cerca do tema. Não é possível investir dinheiro público para construir um modelo de biblioteca que hoje não atende mais as expectativas dos alunos. No século XXI o termo biblioteca ganhou novos sentidos; seu conteúdo não gira apenas em torno da importância do livro, mas também do acesso ao livro e do ato de ler na sociedade que integra, neste momento atual, a revolução do livro digital e da pesquisa em bases de dados. As estruturas já estabelecidas tornaram-se insuficientes, pois nem sempre agregam novas formas de oferecer cultura às crianças. Ao integrar os computadores ao espaço da biblioteca cria-se potencialmente novas práticas de leitura e o computador passa a ser visto pelos alunos como um instrumento mais complexo do que um mero aparelho para jogos digitais.

É possível perceber pelas respostas das crianças que elas representam uma nova geração, trazem para dentro da escola usos e costumes da era digital. Em todos os locais por onde andam encontram um dispositivo digital, desde o simples controle de televisão até o uso mais sofisticado da tecnologia como, por exemplo, acessar a internet para procurar um jogo. A relação que estabelecem com o mundo da cultura escrita é bem diferente daquela que seus professores tiveram quando crianças e, portanto, é também uma relação bem diferente com os livros.

Esse ciclo de transformações fatalmente está predestinado a continuar a evoluir com as futuras gerações. A natureza do conhecimento de permanente transformação e superação, apontada pelo paradigma dialético, está evidenciada na medida em que

novos conhecimentos trazidos do meio em que vivem alunos e professores promovem diversas transformações no âmbito da escola. Talvez melhor fosse dizer que a escola muda seu perfil a partir das experiências dos indivíduos que ali estão e não o contrário.

A grande questão que se coloca diante dos dados aqui analisados é sobre o destino das bibliotecas escolares. Tendo como base as respostas dadas pelas crianças coloca-se a dúvida sobre qual será a função das bibliotecas escolares como essas que aqui foram apresentadas. Ter garantido o espaço para o armazenamento do livro não garante que este espaço seja pleno de atividades investigativas, literárias e culturais. A chegada massiva de computadores e de tablets com acesso à internet nas escolas modifica a relação do estudante com a biblioteca e de certa forma também modifica o cenário sociocultural; este lugar secular na história do homem gráfico está em *xequê*.

A conclusão que se chega diante das palavras registradas neste artigo é a de que as bibliotecas escolares devem reelaborar seu papel e rever sua missão ao incluir novas estruturas que possibilitem a criança integrar-se em práticas educativas culturais, sociais e históricas.

É uma forma de resistência, saudosismo ou mesmo uma tentativa de esconder fragilidades em relação ao desempenho do uso das tecnologias que alguns professores, coordenadores e diretores continuam mantendo o status da biblioteca como o lugar sagrado em que se encontram os cânones da literatura, as obras que realmente podem nos oferecer o conhecimento verdadeiro. Para os resistentes, a biblioteca é o lugar dos livros impressos e sem eles a criança estará fadada a ser um leitor ineficiente.

Faz-se necessário ressaltar novamente as palavras dos alunos em relação a este ponto. O fato de não permitir o livre acesso ao uso da internet para a realização de uma pesquisa é um assunto extenso e igualmente complexo que deverá ser trado em outro artigo. Entretanto, é surpreendente a controvérsia que existe entre a ação dos professores e seus discursos. Se a biblioteca é o lugar das obras impressas e de maior valor científico e literário, então ela deveria ser animada pelos professores que nela atuam no sentido de promover a integração total dos alunos com os livros.

Os sujeitos entrevistados se queixavam de não poder utilizar o espaço durante o recreio, de não frequentá-lo sem a presença dos professores, da falta de um acervo mais amplo e de alguém que indicasse uma boa obra que comentasse sobre o conteúdo de um livro com eles. Os alunos pedem aquilo que os professores discursam! Para Vigotsky

(1984, 2000, 2009) não basta que a criança tenha contato com os livros, é preciso muito mais que isso, é preciso reconhecer as práticas culturais que envolvem este objeto.

Quem ajudaria as crianças a encontrar um livro ou uma informação no mundo virtual pleno de arquivos, vídeos, figuras, imagens, imagens animadas se um grande número de professores não possui essa formação? Os profissionais que administram as bibliotecas não são os únicos a fazer a mediação entre os alunos. Há outros parceiros alguns deles invisíveis ao olhar do professor como a troca de informação entre os próprios alunos e as ações praticadas por outros homens no entorno em que as crianças vivem. Aprende-se o tempo todo.

Estamos longe de conseguir estocar tudo em bases de dados e fazê-las circular pela internet. A biblioteca tem um papel importante a desempenhar o de gerir a convivência entre as novas mídias e o suporte impresso.

Se o professor que atua nesse espaço já possui certa familiaridade com mídias diferentes ele pode ajudar os alunos mais do que outros docentes que ainda não estão mergulhados neste mundo da pesquisa e do acesso às informações no ciberespaço. Professores, funcionários e alunos vão juntos construindo um novo saber-fazer.

## **Agradecimentos**

Agradeço ao auxílio financeiro recebido do CNPq/Edital Ciências Humanas que possibilitou a pesquisa interinstitucional *Bibliotecas Escolares e Laboratórios de Informática no meio escolar – Brasil e França* e ao Programa Institucional de Bolsa de Iniciação Científica - UFU/CNPq, pela concessão da Bolsa de Iniciação Científica que possibilitou a realização desta pesquisa.

Agradeço também aos alunos e aos professores, lioneses e uberlandenses, que se dispuseram a participar da pesquisa, sem os quais ela não teria sido possível.

## **REFERÊNCIAS**

BAJARD, E. Au Brésil, l'entrée dans le monde lettré. *Les actes de lecture*. n. 62. Jun. 2008. p. 42-47.

BARROS, S. P. S. O uso de software livre na educação. In: MORAIS, U. C. (Org.). *Tecnologia educacional e aprendizagem: o uso dos recursos digitais*. São Paulo: Livro Pronto, 2007. p. 85-99.

CANDIDO, A. *A literatura e a formação do homem*. Disponível em: <<http://www.iel.unicamp.br/revista/index.php/remate/article/download/3560/3007>>. Acesso em: 02 nov. 2013.

ECO, H. CARRIÈRE, J. C. *Não contem com o fim do livro*. São Paulo: Record, 2010.

FREITAS, M. T. A. *Tecnologia e Subjetividade*. Eu: a janela através da qual o mundo contempla o mundo. Disponível em: <[www.anped.org.br/reunioes/24/ts9.doc](http://www.anped.org.br/reunioes/24/ts9.doc)>. Acesso em: 23 nov. 2013.

GRAUE, M. E.; WALSH, J. D. *Investigação etnográfica com crianças: teorias, métodos e ética*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003.

GOULEMOT, J. M. *O amor às bibliotecas*. São Paulo: Editora UNESP, 2011.

HÉBRARD, J. *As bibliotecas escolares: entre leitura pública e leitura escolar na França do II Império e da III República*. Campinas: Mercado de Letras, 2009.

QUEIRÓS, B. C. *Sobre ler, escrever e outros diálogos*. (Org.). Júlio Abreu. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

SILVA, R. J. Leitores e biblioteca escolar: do período neolítico ao hommo sapiens sapiens. *Ensino Em Re-Vista*, v.20, n.2, p.357-366, jul./dez. 2013.

VIGOTSKY, L. S. *A construção do pensamento e da linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

\_\_\_\_\_. *A Formação Social da Mente*. São Paulo: Martins Fontes, 1984.

\_\_\_\_\_. *Imaginação e criação na infância*. Ensaio psicológico - Livro para professores. São Paulo: Ática, 2009.